

AURORA ENTRE NUVENS.

La existencia del hombre es un río de lágrimas, por donde con viento más ó menos próspero navegar el corazón...

TUCSONO GUERREIRO.

Enquanto á cab-ceira da teu leito
Talvez vales da guarda o anjo louro.
A pedir ao Senhor para os teus dias
Folgentes perlas do melhor thezouro;

No meu, a desdobrar as rzas tetricas,
Passa o anjo da dor a soluçar,
Talvez doído de me ver tão mago
Com os pés no sepulchro a resvalar!

E talvez tu sorrias á imagem
Do-se archanjo do céu que te quer bem,
Sem pensar que o infeliz, que por ti morre,
Nenhum sono de amor n'essa hora tem!

Ri-te, sim, oh meu anjo! E' grato, ao menos;
A'quillo que te adora e te venera
Saber que o teu presente é céu sem nuvens
Onde a lua do amor sómente impera.

Ri-te, sim, que a ventura que gozares
Ao teu bardo infeliz dará prazer;
Que estas dores cruéis que o martyrisio
Ele sabe, por ti, sempre esconder.

Se elle vir em teus labios terno riso
Terno riso também terá então;
Se elle vir em teu rosto um só desgosto
Voi-o-las demonstrar sua effecção.

Que importa que aos embates desta lucta
Succumba um coração — que nada val —
Podendo ao ver na hora derradeira
De seus olhos a luz tão sideral?!

Como deve ser bello de uma virgem
O pudico e sereno dormitar!...
Oh! dorma, não irá os meus queixumes
Teus sonhos cor de rosa despertar.

Lindo archanjo da guarda que presides
Ao innocente dormir dessa criança,
Desterra-lhe da frente os máos sonhos,
Que elles sejam sómente de esperança.

A mim, nada me dês! Planta sem seiva,
O resco da manhã não dá-lhe vida!
As folhas de seus galhos só dispersão
E vão tombar no pó emurchecidas!

Ont'ora ainda as fibras d'esto peito
Palpitando criando uma utopia;
Ont'ora inda a ventura accumulava
Os sonhos do poeta do umbrosia.

Hoje, porém, meus sonhos são dispersos,
Os meus dias se envolvem n'um sudario,
E as flres perfumadas da esperança
Desbuto-se ao sorrir do mundo vario.

Que elle seja feliz, eis quanto peço
Quem do viver na dor nunca descança!...
Senhor, á linda virgem que idolatro
Dai-lhe risos de amor e de esperança.

Cachoeira. — 1882.

P. F.

DARWINICE

A EZEQUIEL FREIRE — POSITIVISTA. (?)

Abandona-me a sombra do desgosto:
Meu peito se liberta dos prozeres,
Quando contemplo as linhas regulares
Que compõem a belleza de teu rosto.

O seio a palpar; o labio fio,
Delgado corpo... Eu juro com certeza
Tu és uma illusão da natureza,
Ou — quem sabe! — um capricho do destino!

Se me dêssem as muzas mais talento,
Eu provara que a luz dos teus olhares
E' tão profunda como os verdes mares,
E talvez mais azul que o firmamento!

E zombara da morte: — eternamente,
E vivera n'um sonho de ventura,
Se me dêssem em vida um beijo ardente
E teus seios, mulher, por sepultura!

Deusa d'amor! Origem dos prazeres!
Tipo de TERMO FEMININO, fraco,
Julguei-te a mais perfeta das mulheres
Entretanto... não passas d'um MACACO!

S. Paulo,

M. F. JUNIOR.

MISCELLANEA.

CHARADAS.

A decifração das publicadas no numero antecedente é: — 1.^a *Contraponto*, 2.^a *Corpo*, 3.^a *Corneta*, 4.^a *Grammatica* e 5.^a *Marqueza*.

Para hoje temos as seguintes:

2-1—Esta fructa na muzica tor-
ne-se medonho.

2-2—Esta madeira quando corre
é uma autoridade.

1-1—Esta preposição e adjectivo
prende.

2-2—Este astro não sendo usada
não falla.

2-2—No jardim é agradável esta
mulher.

2-2—Nas matas e no mar serve
para o mar.

1-1-2—No A B C na solidão
quando corre foi um grande guerreiro

Até ao morrer!

Um aventureiro, que estava já com
os pés na cova, resolvera, a instan-
cias do seu confessor, fazer testa-
mento.

— Logo a meu sobrinho... come-
çou a escrever o Tabeirão junto do
testador.

— Legar! respondeu este ultimo;
eu não disse semelhante coisa.

— Deixo a meu sobrinho...

— Qual historia! Eu tamtem
não disse isso.

— Dou a meu sobrinho...

— Dar ainda menos, gritou o mo-
ribundo fazendo um esforço supremo
para se levantar. Isso nunca!

— Então, disse com toda sereni-
dade o tabeirão, escreveremos: —
« Empréstado a meu sobrinho... »

— Sim, isso, interrompeu o ava-
rento; empréstado a meu sobrinho,
por certo tempo, até que eu lho
reclame, a quantia de 200.000.000.

A PEDIDOS.

PROGRAMMA

para sagração do Bispo B.
Fefeo Sardinha

Dois mezes antes da solemnidade
da sagração — o Directorio fallado
expedirá circulares a todos os por-
tos para formatura do prestito que
deve fazer as honras da retirada do
supracitado Bispo.

O congo será proximo previ-
nido para fazer mais estronoz á
solemnidade.

Na praça serão restabelecidos os
antigos folguedos de S. Miguel;
haverá a dança dos Calastraes e o
Manó Gome reproduzirá a scena
do corte da Bicha.

A' Inspectoria Geral fica encarre-
gada da composição do hymno pro-
fano para a supracitada retirada, a
exemplo do que celebrou a insu-
guração de que falla o *Mitra*.

O Bispo trajará, a gosto dos bon-
zos, observando apenas a moralida-
de nas calças *astarmentadas* e na
casaca á *grilo por a mesa*.

A veste especial ser-lhe-ha forne-
cida por um seu collega Basson, so-
em tempo o Guimarães não dispo-
ser de aviamentos apropriados.

Fica suspenso o corte desde já —
para exercicios espirituales e com-
prehensão das materias que formão
o ramo do serviço publico *estradeiro*.

Deverão acompanhar-o o Mandu-
ca o o Agusto, como escribeiros-
móres ou almofadas macias sobre
que deve descansar os joelhos o
partes das pernas de alicate.

A respeito de sinos e das mani-
festações bombasticas será obser-
vada *in totum* a licença de Santa
Catharina.

Um *inglez* será encarregado do
ageital o no pórtio flancioso e im-
postor, devendo começar o seu ex-
ercicio, desde já, para corrigir os
tratos apavahados, inconvenientes
á personagem que imprudentemente
mendigou e alcançou leura tão
elevada.

Idem. — Em 24 de Março desse anno,
finou-se nesta villa o Capitão da Guar-
da Nacional José Barbosa Ribeiro Pe-
reira.

Caracter nobre, homem de brio e
sincero, Barbosa sempre soubo merecer
a estima de todos, gravando no cora-
ção do povo o respeito que sempre se
consagra aos homens de bem. Foi
por muitos annos Agente do Correio,
e Professor. — Era negociante honra-
do e deixou alguma fortuna.

Idem. — Em 29 de Junho desse
anno, finou-se nesta villa o prestimo-
so cidadão Francisco Alves da Motta.
O fiado era filho do reino do Portu-
gal e mais tarde tomou o Brasil por
patria. Nesta villa exerceu elle muitos
cargos publicos e populares, sendo por
vezes eleito Vereador da Camara Mu-
nicipal, lugar que sempre occupou
com distincção. Foi tronco de uma nu-
merosa familia; viveu por muitos an-
nos uma vida abastada, e teve de
sujeitandose aos revezes da sorte re-
duzir-se á pobreza. Sua morte foi por
demais digna da pesados sentimentos.

(Continúa.)

SCIENCIAS E ARTES.

PENSAMENTOS PHILOSOPHICOS E
CHRISTÃOS.

Não será desacerto dizer-se que
o espantoso delirio do orgulho hu-
mano, que hoje se manifesta pela
subtileza dos mais ridiculos syste-
mas e sophismas inspira profunda
piedade aos homens, que reflectem.

Elles perguntão, se um genio
funesto terá uma segunda vez vin-
do tentar o homem, repetindo-lhe
estas palavras: *vós sereis como os
deuses*! Elles se interrogão, se as
nações devem passar por um novo
dia de provas; se, para justificar os
conselhos do Todo Poderoso, o ge-
nero humano inteiro deve, no mo-
mento, marcado, para seu fim, pro-
vecar, como seu primeiro pai, a por
um crime semelhante, a irrevogavel
sentença de morte. Elles se inte-ro-
gão; se vamos nos aproximando
do ultimo momento; se essas com-
moções, que abalão o mundo, essa
noite profunda e calliginosa, em
que elle se mergulha, essa color-
dem, essa agitação, essa tempestade
de erros, desencadeados, essa cie-
lencia e essa fraqueza, essa apathia,
não são prognosticos d'um aconte-
cimento, predito, e que os christãos
verão chegar sem espanto.

Não procuremos sondar os im-
prescritavels conselhos de Deos.
Elle só conhece seus designios, e
é que elles se executem, se nos
veda de os prevê, manda-nos, pa-
rém, esperar.

Similhanes á um navio, cujo pi-
loto o quer dirigir sem o soccorro
dos astros, os povos tem perdido sua
derrota; elles não a acharão, serão
olhando para o céu.

Viver sob a pressão da força é a
esclavidão; obedecer ás leis é a
sociedade. Quem terá pois o direito
de impôr leis ao homem? Onde ex-
iste uma sociedade legitima? Eis
aqui, em politica, a mais importan-
te questão.

O que restaria á discutir, se se
decidisse negativamente? Entretanto
a propria philosophia é impor-
tante, para a decidir de outro modo.

Estado social perfeito: perfeita
submissão ao poder, regulado pela
razão da sociedade, ou por leis per-
feitas.

Estado intellectual perfeito: per-
feita submissão ao poder, ou á au-
thoridade, que não é outra coisa
que a razão geral, e premitivamente
a razão divina, manifestada pelo tes-
temunho.

Estado imperfeito: submissão
imperfeita, ou poder particular, que
busca estabelecer-se, principio de
revolta e de desordem.

Estado selvagem: nem poder,
nem leis, ou um poder vago, e leis
vagas; este poder, reconhecido
sómente em tempo de guerra, isto
é, para destruir.

Cada qual senhor de si mesmo,
senhor de suas crenças, de seus do-
veres, de suas acções. E' o deísmo.

Estado da natureza: independen-

cia absoluta, em ausencia de toda
sociedade. A noite na entendimen-
to, a apathia no coração, que não
bate, o silencio nos labios. O ho-
mem só busca a sociedade, a pala-
vra, a luz, a vida. O espirito só bus-
ca Deos, eis aqui tudo!

Quando um doente está com mo-
lestias complicadas, faz-se uma jun-
ta de medicos. A sociedade presen-
te está no mesmo caso...

Ha uma clemencia sangrenta, e
é aquella, que não toma os conse-
lhos da justiça. O perdão do crime é
um novo crime.

E' preciso que os povos sintão o
pezo do sceptro, e que o supportem
com orgulho. Este pezo equilibra o
principio da autoridade.

A influencia do Christianismo
sobre o espirito humano se mostra
d'uma maneira bem trizante nas
propias duvidas que se agitam pre-
senteamente na sociedade. Ellas
tem por causa, em grande parte, o
sentimento vivo da perfeição mor-
tal, que os antigos desconheciam, e
que a religião christã tem desen-
volvido.

Os bons, com os máos, não po-
dem supportar as imperfeições do
poder. Para governar homens, são
precisos seres superiores á huma-
nidade, e o que torna a sociedade im-
possivel de center-se em seus justos
meios.

De todos os sentimentos, que pô-
dem inspirar a autoridade publica,
o desprezo é o mais funesto; o odio
tem para ella menos perigos.

O inconveniente das discussões
publicas sobre assumptos governa-
mentales é expulhar mais duvidas,
do que luzes.

Elles desencadeão os paixões,
excitam as murmurações, desgostão
o povo, precipitam em experiencias,
submettem o soberano ao juizo po-
pular, preparam sua condemnação, e
a tribuna, que não o esquece, é o
carrasco da realza!

(Continúa.)

PADRE ANTUNES DE SIQUEIRA.

LITTERATURA.

MENINA E MOÇA.

Quando eras paquenho.
A tua face eu beijava,
Não coravas
Porque tu eras menina;
Não foi assim desta vez,
Coraste toda de peijo,
Por um beijo
Que a muito custo fortei,

Oito annos serão os teus,
Vestias vestido curto,
E seras susto
Corrias nos braços meus:
Não me vens hoje abraçar,
Hoje toda cautelosa,
E verganhosa,
De mim te vales occultar,

Dize meu anjo formoso,
Que mudança é esta então?
O coração
Já não tens tão amoroso?
So éras um Cherubim,
Hoje não és um Archanjo?
Meu anjo,
Como mudaste assim?

Não precisa revelar
Os teus segredos de virgem:
Foi vertigem
Que induzio-me a te beijar...
Perdão, ó virgem bella,
Se offendi teu pudor,
Candida fl'r,
Chegou tua primavera.

Erns flôr inda em botão.
Não exhalavas perfumes:
Tu resumias,
As flôres do coração:
Não mais beijarei a flôr,
Estando assim desbrochada,
E corada.

E tremulante de amor.

Maragogipe, 14 de Setembro de 1882

A. A. S.